Há pouco mais de dois anos, neste mesmo lugar, tive a honra de vos falar sobre aquilo a que chamei *A Política do Espírito*. Recordar-vos-eis, talvez, de que, sob esse título (que não é particularmente preciso), vos expus a minha inquietação com o estado atual das coisas neste mundo e questionei certos acontecimentos de que somos testemunhas e agentes, preocupando-me mais com o estado em que estes deixam as questões do espírito do que com o seu carácter político ou económico. Insisti (talvez com exagerada demora) nesse estado crítico e dizia-vos, essencialmente, que se observa em todos os domínios uma desordem cujo fim não se consegue imaginar. Encontramo-la tanto ao nosso redor

como em nós próprios, nos nossos dias, no nosso aspeto, nos jornais, nos prazeres e até no saber. A interrupção, a incoerência, a surpresa são condições banais na nossa vida. Chegaram mesmo a tornar-se verdadeiras necessidades para muitos indivíduos, cujo espírito já só consegue alimentar-se, de certa forma, de variações bruscas e de estímulos constantemente renovados. As palavras «sensacional», «impressionante», que hoje empregamos corriqueiramente, são palavras que pintam o retrato de uma época. Já não toleramos a demora. Já não sabemos fecundar o tédio. A nossa natureza tem horror ao vazio, esse vazio sobre o qual os espíritos de outrora sabiam pintar as imagens dos seus ideais, das suas Ideias, no sentido de Platão. Esse estado, que caracterizei de *caótico*, é o efeito composto das obras e do trabalho acumulado dos homens. Ence-ta, sem dúvida, um certo destino, mas um destino que nos é completamente impossível imaginar; entre as várias novidades, esta é uma das principais. Já não é possível deduzir, daquilo que se conhece, nenhuma imagem do futuro à qual se possa atribuir o mínimo de credibilidade.

Com efeito, em poucas dezenas de anos, desvirtuámos e criámos tantas coisas à custa do passado, recusando-o, desorganizando-o, reorganizando as ideias, as instituições, os métodos que nos foram legados, de tal modo que o presente se nos afigura um estado sem precedentes e sem exemplo. Já não olhamos para o passado como um filho olha para um pai com quem poderá aprender alguma coisa, mas sim como um homem feito olha para uma criança... Teremos até, ocasionalmente, vontade de ressuscitar os mais ilustres dos nossos antepassados, para nos darmos o prazer de os instruir e surpreender.

Por vezes, divirto-me a imaginar a ressurreição de algum grande homem de outrora e abandono-me a esse sonho. Ofereço-me para ser o seu guia; passeio com ele por Paris; ouço as suas questões prementes, as suas exclamações; através do processo ingénua que me faz assombrar-me com aquilo que todos os dias vejo sem assombro nenhum, sinto a enorme diferença que o passar do tempo criou entre a vida de antigamente e a de hoje. Mas depressa me atrapalho com o meu papel de cicerone. Veja-se tu-

do o que seria necessário saber para explicar a Descartes ou a Napoleão ressuscitados o nosso sistema de existência atual, para que eles compreendessem como podemos chegar a viver em condições tão bizarras, num meio que lhes pareceria certamente assustador, até hostil. Essa atrapalhação representa a medida da mudança ocorrida.

Não posso mais do que aflorar a questão imensa dessas mudanças que excederam qualquer previsão, que alteraram profundamente o mundo e que o tornaram, em poucos anos, irreconhecível aos olhos daqueles que viveram o suficiente para o terem visto em momentos bastante diferentes. Insistirei no pouco tempo que foi necessário para trazer consequências de tal forma significativas e irei sobretudo reter a vossa atenção nas causas mais determinantes desta brusca mutação. Penso em todos os acontecimentos novos, inteiramente novos, prodigiosamente novos, que tiveram lugar a partir do início do século passado.

—

A ciência, até aí, apenas investigava os fenômenos conhecidos como sensíveis, e imediatamente sensíveis. Sem dúvida que a noção do universo se alterara profundamente, ao mesmo tempo que a da própria ciência, e as duas em correlação; mas os fenômenos observáveis, por um lado, e os poderes da ação do homem, por outro, não haviam aumentado significativamente. Ora, em 1800 (creio), a descoberta da corrente elétrica, pela invenção admirável da pilha, abre esta era dos novos feitos que viriam alterar o aspeto do mundo. Não é sem pertinência que nos detemos nesta data: pensemos em como foi apenas há 135 anos que esta revelação teve lugar. Conheceis aquilo que maravilhosamente se lhe seguiu: todo o domínio da eletrodinâmica e do eletromagnetismo que se abriu à curiosidade apaixonada dos especialistas, todas as suas aplicações (que se multiplicam), a relação observável da eletricidade com a luz e as consequências teóricas que se seguiram; a radiação, por fim, cujo estudo vem pôr em causa todo o nosso conhecimento físico, e até os nossos hábitos de pensamento.